

28 JUN 1997

O GLOBO

PANORAMA POLÍTICO



TEREZA CRUVINEL • de Brasília

FH e as pesquisas

• Depois das dificuldades recentes, que mordiscaram sua popularidade, o presidente Fernando Henrique saboreou ontem a recuperação dos índices de aprovação do Governo. Mas sem externar surpresa. Primeiro, porque os números do Ibope já lhe haviam sido antecipados por uma pesquisa telefônica da MCI. Segundo, porque, em sua leitura, as variações nunca afetaram a curva básica. E ela tem sido estável e altamente satisfatória.

Fernando Henrique nunca tirou os olhos das pesquisas. A MCI, empresa do professor Antônio Lavareda que lhe prestou serviços na campanha, continua municiando-o de pesquisas rastreadoras, feitas com agilidade por telefone, que depois são confirmadas pelo Ibope, que faz o trabalho de campo. Ontem, antes de conhecer os novos números do Ibope, ele minimizou os resultados da pesquisa do Datafolha, com índices de aprovação (38%) menores que os de desaprovação (42%), mantendo a tendência declinante. O índice anterior de aprovação fora de 42%. O motivo da tranquilidade era uma pesquisa da MCI, feita em data posterior, com números bem melhores: 8% de ótimo e 33% de bom, somando 41% de aprovação; 46% de regular e 13% de ruim e péssimo. O Ibope divulgado ontem de fato aproxima-se muito destes números. No geral, 55% de aprovação contra 36% de desaprovação. E em conceitos detalhados, 7% de ótimo e 31% de regular, somando 38% de nota positiva, 45% de regular, 8% de ruim e 9% de péssimo, totalizando 17% em conceito negativo.

Nos relatórios da MCI, Fernando Henrique dispõe de dados e curvas evolutivas, que lê com a desenvoltura de um publicitário. E tem explicações lógicas para cada oscilação significativa. Os índices tive-

ram a primeira queda em maio de 1996, logo depois da chacinha de Eldorado de Carajás e de um aumento pífio do salário-mínimo. Tiveram um momento de pico em janeiro de 1997, após um Natal de gordo consumo e, a seu ver, sob os eflúvios do debate sobre a reeleição. Voltaram a cair entre abril e maio passado, após uma série de fatos negativos: venda da Vale, aumento de apenas R\$ 8 do salário-mínimo e a marcha dos sem-terra. A denúncia sobre compra de votos, o presidente acha que não teve peso importante. Mas em sua própria assessoria reconhece-se que sim.

Quem sempre governou com as pesquisas, mais atenção dará a elas agora que é candidato. Fernando Henrique é e gosta de parecer alguém que não se sobressalta à toa. Até aqui, garante, nunca perdeu sono com as variações na curva das pesquisas. Ela flutua num patamar de aprovação excepcionalmente favorável, nunca experimentado, por tanto tempo, por algum dos Governos mais recentes. E tem se mantido estável, tanto para sua popularidade quanto para o julgamento do Governo. A do Real, então, é quase uma linha geométrica no horizonte. Esta, mais do que as outras, é que deve animá-lo a projetar contornos de um futuro governo, embora evitando anunciar planos de campanha.